

Das unheimliche: O horror ao saber e o fascínio do não saber

Artigo

Ignácio Paim Filho

Membro Titular da SBPdePA.

Cibele Fleck

Jeanete Sacchet

Katya de A. Araújo

Membros do Instituto da SBPdePA.

Resumo: Em 1919, Freud encontrava-se com o texto de Hoffman “O homem de Areia” e nos apresentava Nataniel e Olimpia. A partir desse texto vai teorizar sobre *Das Unheimliche*, propondo uma estética psicanalítica centrada na qualidade do sentir, tendo como objeto de investigação não o belo, mas sim o horror. Em 2011, século XXI, nos deparamos com o filme “Coraline e o Mundo Secreto”, baseado no livro de mesmo nome, do autor britânico Neil Gaiman. Posta em cena a temática do infantil retratando as aventuras e desventuras da menina púbere e sua boneca de pano. Tomando essa produção cinematográfica como uma vinheta clínica, nos sentimos impelidos a repensar a contemporaneidade psicanalítica: invenção-tradição e a vitalidade do Estranho freudiano.

Palavras-chave: Castração. Estética. Puberdade. Unheimliche.

1 Unheimliche – Coraline: Uma introdução

Quando tudo está dito e feito, a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o duplo ser criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o duplo tinha um aspecto mais amistoso. O duplo converte-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios (FREUD, 1919, p. 295).

Final da segunda década, 1919, a cultura vinha sofrendo os efeitos decorrentes da primeira guerra mundial, as ressonâncias da destruição permeavam o continente europeu. Viena desnudava sua fragilidade, o império austro-húngaro estava em franco declínio. Freud inquietava-se com a força do primitivismo do homem civilizado, questionava-se, novamente, sobre a pulsão e os seus destinos. Tomado por esses interrogantes, retoma o texto inconcluso de 1913, *Das Unheimliche*, propondo-se a pesquisar a estética, porém pelo viés da qualidade do sentir.



Com esse projeto em mente, Freud, o pensador da cultura e do sujeito, se ocupará de uma produção literária – o conto de Hoffmann: “O Homem de Areia”. Nele encontraremos as ressonâncias das suas estranhezas diante das aventuras e desventuras da tragédia de Nataniel, o personagem que forma um par antitético, talvez o próprio duplo, com o grande mosaico que é o Homem de Areia. É provável que Freud tenha sido tocado por esse conto da mesma forma que hoje, nós, pelo mundo secreto de Coraline.

Qualidade do sentir, enigma que Freud se autoimpõe, sentir que talvez só possa ser sentido por sensações. Estaria querendo sentir o sentido da pulsão? Seria o estranho mensageiro do inapreensível da pulsão e suas repercussões na angústia de castração? Pensamos que sim, pois a pulsão é um dos objetos de estudo nesse texto que vem à luz revestido de uma aura de mistério, sendo considerado, desde as origens da psicanálise, um conceito obscuro (1915). A pulsão tem um caráter repetitivo, diz Freud em 1919. Como assim, o que a pulsão repete? Temos aqui o que acreditamos seja a pergunta central desse trabalho de 1919, que, como sabemos, vai ter resposta em 1920, com a criação da pulsão de morte: sua eterna repetição sob as leis vigentes do princípio de Nirvana. Diante dessa proposta, pretendemos, no decorrer desse escrito, sustentar a hipótese do estranho, revelando o conhecido e o desconhecido da pulsão.

Com o intuito de viabilizar nossas teorizações, faremos uma interlocução com uma produção cinematográfica contemporânea: Coraline e o Mundo Secreto. Um filme “de terror” infantil que remete àquilo que Freud denominou como *unheimliche*.

2 Coraline: Uma síntese

Nesse filme temos a narrativa da história de uma menina púbere que acaba de mudar de cidade com seus pais. Ela está em pleno momento de transformações da adolescência e se vê em uma nova casa, em uma nova cidade. Uma menina inconformada pelo afastamento de seus amigos e de sua antiga cidade.

Para aliviar-se desse momento difícil, passa a observar tudo o que tem ao redor de sua nova casa, um prédio chamado de Palácio Cor de Rosa. Nada lhe agrada e inclusive, no filme, essas cenas são de uma coloração acinzentada. Em seus passeios, Coraline acaba encontrando um menino que inicialmente a assusta, mas que no transcorrer da história passará a ser seu amigo. Esse menino mora perto de sua casa e lhe entrega uma boneca de pano, enviada pela avó deste, que tem todas as características de Coraline. Ela parece desmerecer o presente, pois, como diz, já não tem mais idade para bonecas! Porém, mesmo assim, leva a boneca dizendo: “Que estranho uma miniatura de mim!”.

Outro personagem importante que a menina encontra em seus passeios é um gato cinza e magro, com um ar assustador. Esse gato esquisito segue a menina por onde ela anda, e Coraline descobre que ele possui o poder de falar. Será esse animal quem a ajudará no desfecho de toda a história assustadora que a menina enfrentará.

Tudo parece estar horrível e enfadonho; até a comida que a mãe lhe serve, mas que é preparada pelo pai, ela acha ruim. Assim, com a vida monótona, Coraline passa a reclamar de seus pais, porém estes estão tão envolvidos com seus afazeres que não percebem o incômodo da menina. Ela diz para sua mãe: “Ontem eu quase caí num poço... eu poderia ter morrido!”. E a mãe, ligada nos seus afazeres, responde: “Que legal!”. Tudo isso vai deixando a personagem muito irritada, e ela, insistente que é, acaba sempre os solicitando. Pede para o pai que faça com ela um belo jardim, mas este não lhe dá ouvidos e ainda, como que querendo se livrar dela, pede para a filha contar as janelas da nova casa. Coraline sai muito raivosa, mas faz o que o pai lhe havia dito.

Tarefa sem graça, porém, no desenrolar de suas desventuras, a personagem encontra algo que a deixa muito curiosa. Na sala de estar da casa, há uma pequena porta escondida atrás do papel de parede. Coraline tenta abri-la, mas não consegue, pois a porta está trancada. Como a curiosidade é grande, ela vai atrás das chaves que poderiam abri-la. Sua mãe, nesse momento, para se livrar dos pedidos da filha, faz uma combinação: se abrir a portinha, Coraline não mais a importunará. Assim, sua mãe encontra uma chave que abre a tal portinha, porém, para decepção da garota, só há tijolos ali. Frustrada por não ter descoberto nada em especial por trás da porta, ela acaba em seu quarto, deitada ao lado de sua nova boneca, e adormece após olhar com saudade uma foto com seus amigos.

Que curiosidade será essa? Levará ao horror do saber ou deixará a menina fascinada pelo não saber? O desejo de saber o que havia por trás daquela portinha era tanto que Coraline adormece e parece que tem um sonho. Nesse sonho/realidade a menina é seduzida por dois camundongos que a ajudam a abrir tal porta. Para o espectador, esse momento pode parecer insignificante, mas a chave da tal porta tem o mesmo desenho dos olhos da boneca que o menino lhe havia trazido. Dessa forma, a menina consegue abrir a porta e passa por um túnel que a leva para o que ela olha com certo espanto, pois era exatamente a sala de sua casa, sendo o duplo daquela sala. A diferença, porém, num primeiro momento, está no colorido, pois o tom acinzentado do início do filme não existe mais. Assim, a personagem vai caminhando pela sala, maravilhada com tudo aquilo, quando, de repente, se depara com a voz de sua mãe a chamando para jantar. Ela vai até a cozinha e lá está a mãe, de costas, cozinhando; ao olhar para filha, porém, tem no lugar dos olhos botões. Coraline pergunta quem é aquela mulher,

e esta lhe diz que é a sua Outra mãe. Todos vão jantar e a personagem fica encantada, pois todas as suas vontades são satisfeitas por estes “outros pais”. Após o jantar, eles a colocam para dormir, e mais uma surpresa: nessa casa, o seu quarto é todo decorado, sendo um lugar mágico e todos os brinquedos festejam a chegada da menina. Nesse momento, ela se deita e adormece, enquanto os “outros pais” velam seu sono.

Quando Coraline desperta, está em seu verdadeiro quarto e acredita ter tido um sonho maravilhoso. Conta para seus pais, que não valorizam tanto, por acharem ser só um sonho bom. Na noite seguinte, mais um sonho/realidade acontece, e a menina mais maravilhada fica, pois tudo o que solicitou para seus verdadeiros pais, e estes não puderam lhe dar, os outros pais prontamente o fazem. Agora, esses pais do mundo fantástico se denominam “melhores pais”, e o pai fez um lindo jardim só para ela, que, encantada, diz: “Meus pais não têm tempo para jardinagem!”. Coraline, nesse momento, está encantada com o mágico jardim, e o “melhor pai” diz: “O nosso jardim Coraline! Tudo neste mundo é certo, podemos tomar café da manhã no jantar!”.

A partir da descoberta desse mundo de puro prazer, Coraline fica ambivalente, pois como viver num mundo real, com as limitações, tendo um mundo mágico que sedutoramente está sendo apresentado a ela?

Assim, a personagem vai ficando cada vez mais envolvida com esse lugar de puro prazer, até o momento em que a “outra mãe” lhe entrega um presente, uma caixinha com dois botões. A menina olha e, num primeiro momento, não compreende, é quando a “outra mãe” lhe diz que, para ficar naquele mundo, ela terá de tirar seus olhos e costurar esses botões no seu lugar. Horrorizada, a menina briga com essa personagem, que a acaba trancafiando atrás de uma parede. Nesse momento, Coraline está muito assustada, tenta sair daquele lugar de todas as formas, mas não consegue, e ali também encontra três almas. São as crianças tristes que, no passado, haviam sido seduzidas pela “Bela Dona/outra mãe” e que entregaram seus olhos em troca dos prazeres daquele mundo. Só que, ao fazerem isso, acabaram morrendo. Bela Dona, para manter-se jovem, precisava dos olhos das crianças e da alma aprisionada destas.

Porém, nossa inquieta jovem percebe que, ao manter-se ligada ao mundo de “Bela Dona”, perderá sua vida e, dessa forma, propõe à bruxa uma aposta: se conseguir capturar as “almas” das crianças que estão mortas, poderá retornar ao mundo real. Ao sair para a luta, enxerga o mundo que antes era mágico e de puro prazer com sua verdadeira face, ou seja, é um mundo branco no qual nada existe, e assim percebe como tudo era falso. Além disso, se vê apavorada, pois, se ficar naquele lugar, nunca mais terá sua vida e seus verdadeiros pais, que, mesmo tendo muitas falhas, são extremamente importantes para ela.

Após uma grande batalha, Coraline consegue recuperar seu verdadeiro mundo, que não é aquele mundo perfeito ao qual esteve seduzida pela “Bela Dona”, mas sim o mundo real, com seus encantos e desencantos, que propicia a criação de um verdadeiro estado de desejo.

3 Coraline: Nossas inquietantes estranhezas

Após esse rápido trajeto pelo mundo secreto de Coraline, vejamos como podemos estabelecer um diálogo com o secreto mundo conhecido/desconhecido proposto por Freud. Estimulados pelo voyeurismo que nos constitui, convidamos o nosso leitor a nos acompanhar por nossas divagações e a espionar o romance familiar criado por Coraline.

Partamos do início, fazendo algumas considerações sobre a peculiar forma com que foi nomeada nossa protagonista: Coraline. Nome muito singular, tanto que muitas vezes é chamada de Caroline. Parece-nos que o nome que recebe de seus pais denuncia a marca de um investimento, de um desejo de fazê-la única, talvez uma expectativa que pudesse ter muita “Cor”. Deixemos assinalado que essa não é a percepção que a púbere Coraline tem de seus pais e agreguemos uma interrogação: suas queixas de seus pais poderiam estar também associadas ao seu processo de desidealização dos pais da infância? Pais que carregam consigo o mundo de narcisismo primário?

A puberdade já se mostra como o novo, estranho para o infantil familiar que se despede. Coraline que, ao se defrontar com seus pais reais e com a dor e as limitações do dia a dia, volta-se para a fantasia na qual o princípio do prazer predomina, em que tudo é belo e perfeito. Poderíamos dizer que é tristemente perfeito, pois, se observarmos de forma mais atenta, podemos sentir as marcas iniciais de um assassinato do desejo. Insinua-se a construção do que podemos chamar de uma imortalidade sem vida. Nesse sentido, lembramos as tristes crianças que tiveram suas almas sequestradas pela inebriante “Bela Dona”.

Uma característica dessa película é que o autor cria uma espécie de incerteza no espectador, não nos deixando saber, propositalmente, se está nos conduzindo pelo mundo real ou por um mundo puramente fantástico de sua própria criação. Freud (1919), citando Jentsch, refere que uma das formas mais bem-sucedidas para criar efeitos de estranheza é deixar o leitor, ou espectador, na incerteza de que uma determinada figura na história é um ser humano ou um autômato, e fazê-lo de tal modo que a atenção deste não se concentre nessa incerteza, de maneira que não possa ser levado a penetrar no assunto e esclarecê-lo imediatamente, pois isso dissiparia rapidamente o peculiar efeito emocional da situação. Acrescenta ainda que se cria uma condição particularmente favorável para despertar sentimentos de estranheza quando existe uma incerteza intelectual



quanto ao objeto ter ou não vida e quando um objeto inanimado se torna excessivamente parecido com um objeto animado. Ou, ainda, quando nos deparamos no filme com o estranhamento de Coraline diante do gato que fala. Lembrando que o estranho é sempre algo que não sabemos bem como abordar.

Como o familiar pode-se tornar estranho e assustador é o tema de que Freud se ocupa nesse texto. Nem sempre o novo e o não familiar é assustador, algo tem que ser acrescentado ao novo e ao não familiar para torná-lo estranho, ou seja, a angústia em seus vários matizes, que, como sabemos, terá seu ápice na angústia de castração. Angústia essa que tem sua origem no desamparo, o não sobreviver sem a ação específica instaurado por um semelhante. O desamparo é a marca do universo pulsional sem contenção, como podemos adjetivar, do horror diante do caos do qual somos originários. Talvez por esse caminho possamos compreender que o grande horror que a vivência sinistra revela seja o horror da força pulsante e indomada da pulsão por excelência: a pulsão de morte. Aquela que se deixa conter quando investida pela pulsão sexual, porém jamais será efetivamente domada.

A questão do olhar e o temor da sua perda (angústia de castração) se fazem presentes na história de nossos dois protagonistas: Nataniel e a ameaça da perda dos olhos pelo Homem de Areia (figura paterna/ duplo), e Coraline e a ameaça dos olhos de botões (figura materna/ duplo). Nataniel não pode contar com seu mundo fantasmático para criar uma família ideal que cumpra uma função continente e elaborativa para as suas demandas pulsionais, ficando impossibilitado de reviver seu romance familiar edípico, à mercê da vivência narcísica de um filicídio que culminou num homicídio disfarçado de suicídio. Vemos nesse jovem adulto a impossibilidade de conectar-se com o princípio da realidade: sua jovem noiva, Clara, e a eminência do casamento provavelmente precipitaram a sua regressão para o seu universo delirante e alucinatório. Mundo esse caracterizado por certezas. Como vir a ter a própria família diante da fúria filicida e parricida que traz em sua alma?

Quanto a Coraline, a imaginação se fez fértil, criando uma nova/velha família, que a viabilizou de reviver seu romance familiar em seu trânsito do desejo narcísico ao desejo edípico: “Coraline! Tudo neste mundo é certo, podemos tomar café da manhã no jantar!” (melhor pai). Contudo, as leis do princípio da realidade começam a se revelar, criando dúvidas que dão sentido às palavras do príncipe dinamarquês Hamlet: “Há algo de podre sob o Reino da Dinamarca”. Esse novo cenário doméstico não contempla a singularidade do outro. Temos pais que recebem esses “filhos” para viabilizar o seu projeto de imortalidade, pois a mãe mata os filhos e fica com a alma destes. Parece-nos que temos re-encenada a tragédia de filhos que devem morrer para perpetuar o mundo narcísico de

seus pais, como temos exemplificado em várias tragédias míticas: Édipo, Jesus Cristo, Zeus, Psique, Hamlet... Seguindo por esse caminho, seria a força do filicídio a gênese do estranhamento? Postulamos que sim e nos reportamos à frase profética proferida por Tirésias quando consultado pela mãe de Narciso, que lhe pergunta se seu filho viveria muitos anos. Esse lhe diz: “viverá muitos anos se ele não se ver”. Aventamos a possibilidade de que essa resposta seja a marca do narcisismo: há que não ver a falta.

Sabemos, no entanto, pela experiência psicanalítica, que o medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças. [...]. O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-lhes que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado (FREUD, 1919, p. 289).

Especulamos que o convite feito a Coraline para cegar-se, colocando botões nos olhos, seria uma forma de não se deparar com as frustrações do mundo real, retornando ao mundo narcísico do eu ideal, em que imperam as leis da “sua majestade o bebê”, perpetuando, assim, o fascínio do não saber. Não olhar para as limitações e proibições seria uma forma de não renunciar aos prazeres, ao mesmo tempo em que se fica cego à possibilidades de fazer escolhas e dar vida à criação. O filme propõe a castração em ato: costurar botões em seus olhos. Seria compensador a Coraline ser sacrificada em prol do amor parental? Do que Coraline foge? O que não pode saber?

Como sabemos, o horror ao saber (ao ver) está relacionado à castração, à finitude e ao desamparo, enquanto o não saber (o não ver) nos remete às questões narcísicas, em que tudo é possível e prazeroso. Ao deparar-se com a castração e a possibilidade de enxergar a falta, Coraline entra em conflito: entre o horror de saber e o fascínio do não saber.

Ao depararmos com o saber, nos confrontamos com o fascínio do não saber. Esse é muito intenso e atraente, então quem sabe vale o sacrifício de cegar-se? Diante dessa encruzilhada em que se encontra a nossa protagonista, temos acionada em nosso mundo psíquico uma identidade de percepção com a tragédia Edípica. Édipo vai cegar-se na busca de fugir da visão terrorífica do seu ato incestuoso e parricida, fazendo um recuo para o mundo narcísico. A castração pela visão é castigo, mas pensamos que, acima de tudo, está a serviço da manutenção de um ideal em si mesmo. Coraline, diferente de Édipo diante do desfiladeiro, num primeiro tempo, e num segundo tempo diante da Esfinge, recua. Nesse recuar, surge espaço psíquico para o pensar, e nesse pensar ressurgem o desejo e a busca por ideais. Podemos postular que Coraline suporta a dor do saber. Saber que permite discriminar, diferenciar, olhar seus pais e a si mesma por outros vértices.



Momento em que o estranho (*Unheimlich*) torna-se familiar (*heimlich*). Freud, apoiando-se em Schelling, enfatiza que *Unheimlich* é o nome de tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.

Coraline, fazendo-se acompanhar pelas reflexões do gato falante, que julgamos ser o seu superego protetor, indicativo de uma boa potencialidade de resolução de sua conflitiva edípica, se investe do desejo de retomar sua história. Aqui a temos desenhando o esboço de um aprender com o viver. Seu estranho gato pensante a ajuda a enxergar o que não pode ver apesar de ter os olhos. Coraline descobre-se podendo compartilhar, condição fundamental para suportar a dor (horror) do não saber na busca do saber: nossa jovem púbere viveu sua tragédia contida por um contexto familiar que podia chamar de seu, não é um Édipo que viveu a tragédia de um destino funesto, que, como sabemos, sucumbiu ao filicídio, uma vez que é um errante sem uma casa paterna para chamar de sua.

Quando evocamos a tragédia, pensamos imediatamente no seu diferencial com o drama. Enquanto na primeira o sujeito está inserido e implicado no contexto da trama, com o qual cada um de nós pode se identificar frente às escolhas e renúncias; na segunda, temos um herói que deverá lutar contra um inimigo externo. Seguindo por esses rumos, vemos que tanto Édipo quanto Coraline têm de lidar essencialmente com sua autodestrutividade. Temos aí a tragédia que todos albergamos em nossa alma, que se faz sinistra por conter o inarrável da pulsão de morte.

Sendo um filme trágico, produz nos adolescentes e púberes uma inquietante estranheza, enquanto para crianças menores se torna mais intenso, pois desnuda para os pequenos verdades que são aterrorizantes e temidas de uma forma muito direta e pouco disfarçada. Lembramos sua menor capacidade de ligação frente a tantas informações que podem ficar não metabolizáveis. O que há num filme infantil que pode causar tal estranhamento em seus espectadores? O tema da castração é apresentado em muitas histórias infantis, porém o que terá de tão assustador nessa película que até na revista *Veja* do ano de 2009 foi apresentada uma crítica, sugerido que o filme assustaria até os espectadores mais novinhos? Seria o fascínio do mundo duplicado e ao mesmo tempo tão aterrorizante? Podemos pensar que nesse filme nos são apresentadas muitas temáticas: o início da puberdade, onde ainda a infância e o novo da adolescência se misturam, mas todos eles assentados sob o mundo da castração, diferentemente de Nataniel. Também é onde encontramos as inquietudes das figuras parentais. Mas pensamos que, acima de tudo, encena os vários lutos que essa transição implica. Quem sabe o trágico universal que, muitas vezes, todos nós desmentimos: o saber e o não saber da nossa fragilidade.

A menina de unhas de cor azul passa por mudanças externas, sai de sua cidade, vai para uma “nova casa/ novo corpo”, mas também passa por transformações internas e é aí que “seu mundo secreto” parece se perder. Esse novo desconhecido que se apresenta para a menina pode surgir, como descreve Asbed Aryan (2006), como o sentido do horrível, do sinistro, ou seja, a forma oculta do pulsional que não possui representação.

É a primeira forma de como aparece a condição do traumático, é o primeiro que aparece no púbere, aquele não significável ou não significado, gerando ausência de sentir, perplexo e preocupado [...]. Essa estranheza inquietante, o sinistro, o *Unheimlich* (apavorante) e ao mesmo tempo familiar, engloba muitas ideias: a dúvida entre o que é animado e o que não é, a clivagem e a figura do duplo, que reenviam a um narcisismo negativo ou primário o incesto e o parricídio, a autodestruição (ARYAN, 2006, p. 239).

Algo que está “lá”, mas não possui representação, e é apresentado aos espectadores que o sentem como terrorífico, pois não tem condições de transformar. Momento de erupção do pulsional que, como dissemos acima, terá um melhor ou pior destino proporcional à capacidade de construção psíquica compartilhada com as figuras parentais, que tiveram em sua história uma resolução edípica suficientemente boa com seus pais. Num dizer metapsicológico, pais que executaram a castração da sua mãe fálica, rompendo com o mito trágico de sacrificar-se em nome de...

Diante da proposta de cegar-se e, portanto, filicida de suas figuras parentais idealizadas, Coraline avança, ousando romper com os ideais narcísicos, o desejo imantado por um pacto incestuoso, indo em busca de um possível universo edípico. Percebemos esse percurso do *eu-ideal* para o *ideal do eu* na medida em que a película nos permite vislumbrar um reencontro, ou novo-velho encontro de Coraline com seus pais reais, perpassados pela castração. Temos aqui encenadas as nuances da resolução edípica feminina, pela qual a castração se faz representar pelo temor à perda do amor à mãe. A mãe dupla chega a dizer a Coraline: “Até a pessoa mais orgulhosa pode ser dobrada, pelo amor...”. Diante dessa afirmação, uma pergunta surge: de que amor está falando? Orgulho, dobrar e amor, palavras fortes e contundentes que nos levam a pensar no amor narcísico, que tem por meta a submissão do outro, borrar as diferenças. Essa afirmação está a serviço da manutenção do seguir sendo duplo das figuras parentais. Assim sendo, o amor apregoado por essa mãe filicida e o amor sinistro, o amor cego, o amor dos olhos de botões.

Partindo do pressuposto de que a mudança está ocorrendo no universo psíquico de nossa protagonista, que está redescobrimo o amor com todas as suas



idiossincrasias, vamos percebendo cenas de maior erotismo: as cores surgem, o jardim passa a florir e ocorre a construção em família.

Percebemos que Coraline, ao longo de sua trajetória, é capaz de ir em busca de soluções diferentemente das crianças tristes que doam a sua alma (sacrifício?) e não têm capacidade de enfrentar o novo e suas angústias, resgatando seus pais e sua vida. Mostra sua possibilidade criativa, diferentemente de Nathaniel de o Homem de Areia, que se entrega à loucura. Podemos inferir que Coraline, por ter recursos psíquicos, busca uma saída mais saudável, não menos dolorosa, não sucumbindo à tragédia edípica e tampouco à regressão do universo narcísico proposta pela Bela Dona, quando esta seduz ao fascínio do não saber, negando a castração. Enfrenta-se com a dor da castração, da vida diária e busca saídas reais, não mágicas, para lidar com o horror ao saber: *das Unheimliche*. Mostra a capacidade de ir e voltar, de sonhar e se deparar com a realidade.

Enfim, por intermédio das inquietantes estranhezas de Coraline que, através desse filme, leva o telespectador a mergulhar no animismo proposto, na magia, na bruxaria, na onipotência dos pensamentos, na atitude do homem para com a morte, na repetição involuntária e no complexo de castração, que são todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho.

É como se cada um de nós houvesse atravessado uma fase de desenvolvimento individual correspondente a esse estágio animista dos homens primitivos, como se ninguém houvesse passado por essa fase sem preservar certos resíduos e traços dela, que são ainda capazes de se manifestar, e que tudo aquilo que agora nos surpreende como “estranho” satisfaz a condição de tocar àqueles resíduos de atividade mental animista dentro de nós e dar-lhes expressão (FREUD, 1919, p. 300).

The Uncanny: the dread of knowledge and the fascination with ignorance

Abstract: In 1919, Freud came across Hoffman's "The Sandman" and introduced us to Nathaniel and Olympia. Based on that text, he elaborated on the Uncanny (*Das Unheimliche*) and proposed a psychoanalytical aesthetics hinged upon the quality of feeling, where the object of investigation is not the beautiful, but the fearful. In 2011, in the 21st century, there comes the movie "Coraline," based on the same-name book, by British author Neil Gaiman. It tells the story of a teen girl and her rag doll. Using this movie as a clinical vignette, we are prompted to rethink the contemporaneous psychoanalytic practice: invention-tradition, and the vitality of the Freudian stranger.

Keywords: Aesthetics. Castration. Puberty. Uncanny.

Das Unheimliche: El horror al saber y la fascinación del no saber

Resumen: En 1919, Freud se encontraba con el texto de Hoffman «El hombre de Arena» y nos presentaba Nataniel y Olimpia. A partir de ese texto, va a teorizar sobre *Das Unheimliche*, proponiendo una estética psicoanalítica centrada en la calidad del sentir, teniendo como objeto de investigación no al bello, sino al horror. En 2011, siglo XXI, nos deparamos con la película «Coraline y el Mundo Secreto», basado en el libro del mismo nombre, del autor británico Neil Gaiman. Pone en escena la temática de lo infantil retratando las aventuras y desventuras de la niña púbera y su muñeca de trapo. Tomando a esta producción cinematográfica como una viñeta clínica, nos sentimos impelidos a repensar la contemporaneidad psicoanalítica: invención-tradición, y la vitalidad de lo Extraño freudiano.

Palabras clave: Castración. Estética. Pubertad. Unheimliche.

Referências

ARYAN, A. Novos Objetivos na psicanálise de adolescentes? **Psicanálise:** Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 8, n.1, 2006.

FREUD, S. (1919). O estranho. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Ed. std. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII.

MANFRIN, J. Crítica. **Veja**, 11 de fevereiro de 2009.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Cibele Fleck

Rua Luís Manoel Gonzaga, 351/205

90470-280 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: cibeleftleck@terra.com.br

Ignácio Paim Filho

Rua Felipe Néri, 457/401

90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: paimiga@terra.com.br

Jeanete Sacchet

Rua Mariante, 288/1205

90430-180 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: jeanete.sacchet@yahoo.com.br

Katya de A. Araújo

Rua Tobias da Silva, 137/208

90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: katyaaraujo@terra.com.br